

NARRATIVAS ORAIS POPULARES COMO RECURSO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL¹

Apinages Pires Cardoso

Acadêmico do curso Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal do Pará (UFPA), turma de 2013²

Ruan de Oliveira Rodrigues

Acadêmico do curso Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal do Pará (UFPA), turma de 2013³

Ana Paula de Souza Fernandes

Pedagoga – Universidade do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)⁴

RESUMO

Este artigo é resultado de um projeto de extensão desenvolvido em Tucuruí, cidade do sudeste paraense. Cujo objetivo é oferecer oportunidades diferenciadas de leitura e estimular a produção textual, possibilitando a interação do aluno com sua herança cultural, por meio do resgate de narrativas orais contadas por antigos moradores da cidade. O projeto é composto por duas fases: entrevistas com moradores antigos para coleta das narrativas que povoam o imaginário dos entrevistados e o relato das mesmas em escolas públicas do município, por estudantes do curso de pedagogia da UFPA/Campus Tucuruí, o enfoque na primeira fase, corresponde a coleta de dados, através de visitas a associações, casas de antigos moradores, entrevistas com repórteres e radialistas do município além de visitas a biblioteca municipal entre outras.

Palavras-Chave: Narrativas Populares, Contação de Histórias, Leitura

1.INTRODUÇÃO

A leitura e produção textual tem sido objeto de muitas discussões em todo o mundo, no Brasil dentro do universo da leitura há uma mobilização para vencer o analfabetismo, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, e uma das ações que prevê a distribuição de livros a parcelas da população que se encontram em lugares com baixos índices de desenvolvimento humano. Entretanto, a leitura já foi considerada um privilégio no Brasil. No período colonial, era proibido o ensino da leitura e a difusão do conhecimento aos cidadãos comuns, um direito que se reservava apenas a elite.

Atualmente, considera-se a leitura um fator indispensável para a conquista da cidadania. Por meio dela podemos compreender leis, marcar encontros em determinados espaços,

¹ Narrativas orais populares como recurso de leitura e produção textual - Projeto de extensão

² Apinages Pires Cardoso - Acadêmico do curso Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal do Pará (UFPA), turma de 2013

³ Ruan de Oliveira Rodrigues - Acadêmico do curso Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal do Pará (UFPA), turma de 2013

⁴ Ana Paula de Souza Fernandes - Pedagoga – Universidade do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

interpretamos, e resolvemos situações cotidianas e nos comunicamos socialmente e a escola figura como responsável por incentivar esta prática e, ainda, garantir uma boa produção textual. Entretanto, ao término dos anos da educação básica, muitas vezes, o estudante não consegue estabelecer relações entre o texto e o mundo, o que dificulta muito as ações de compreensão do indivíduo.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

Nas diversas pesquisas publicadas sobre a formação do leitor e do mediador de leitura, Amarilha (2010, p. 89) identifica algumas problemáticas que derivam inicialmente da relação literatura e oralidade ou escrita e escuta. Nessas pesquisas ela constata três problemas: a presença precária da literatura na cultura da criança, o insucesso em leituras de crianças, jovens e adultos e a angústia dos professores em realizar um trabalho adequado de leitura com seus alunos em todos os níveis de escolaridade. Nas escolas do município de Tucuruí, muitos são os professores que admitem não possuírem o hábito de leitura, e conseqüentemente, não oferecem livros literários aos alunos ou compartilham histórias através da oralidade. Não se aprimoram no universo da escrita, o que tanto poderia facilitar o mediador no estudo e compreensão desses elementos fundamentais para um aprendizado pleno.

Na relação entre escrita e escuta, podemos dizer que se faz necessário múltiplas atribuições ao mediador. Entre estas atribuições está a de promover a iniciação participativa junto a cultura literária e desencadear um processo lúdico de cultura narrada. Diante disso o mediador deve prevê em seu programa a participação da oralidade para a formação do leitor, pois, ele é o responsável por perceber as influências integradoras e diretas do conhecimento junto aos textos que são oferecidos para a leitura oral. Amarilha reforça este compromisso do mediador e promotor de leitura quando enfatiza o papel central da narratividade sobre a cultura e a formação leitora.

“o papel do mediador de leitura: promover a iniciação nos ritos necessários para a escuta de uma história – pois, ao mesmo tempo em que a história cativa, ela é acolhida quando já ocorreu previamente o encontro da voz que narra com aquele que a escuta.” (AMARILHA, 2010, p. 90)

Se pensarmos nos textos oferecidos aos alunos, perceberemos que na maioria das vezes, não despertam nenhum interesse, pois nada dizem a respeito de suas próprias relações sociais, modo de vida ou costumes. Os textos, muitas vezes, são incapazes de interagir com seus leitores e criar elos com seus contextos. “São inseridos nos livros didáticos através de critérios duvidosos que não

se preocupam com a interação leitor escritor, e dessa forma contribuem, para a morte paulatina da vontade de ler e escrever” (CASTRO, 2000, p293).

Considerando estes fatores, o projeto “Narrativas Oraís Populares como recurso de Leitura e Produção Textual”, propõe resgatar narrativas orais contadas por antigos moradores de Tucuruí, registrá-las e difundi-las em escolas do município, incentivando (re)inovação de sentidos, ou movência dos textos, como diz Zumthor (1993, p. 144), no trânsito do oral para o escrito e vice-versa. Uma vez que a experiência de vida das pessoas é tomada como matéria prima, audível por meio das vozes de suas memórias, a história ganha uma nova dimensão.

“Não há dúvida alguma de que isso pode contribuir, para uma construção mais realista do passado. A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vistas. (THOMPSON, 1935, p. 24)

Neste sentido, o resgate das narrativas orais constitui-se ainda numa pesquisa interdisciplinar, na qual a busca pelo universo do imaginário popular se entrecruza com a memória da transformação espacial, social, política e econômica do lugar, o que possibilita o encontro de testemunhos e memórias esquecidas ou silenciadas pela história oficial. Desta forma, o registro das narrativas pode contribuir para a recuperação da memória da cidade.

As tradições orais desempenham um importante papel na história da humanidade. Zumthor (2010, p. 8) afirma que muitas “civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm graças a elas”, ou seja, por meio delas mantém viva sua história. Por meio destas narrativas podemos conhecer, compreender e aprender sobre a cultura de determinada comunidade; os relatos escritos podem nos levar ao conhecimento de determinada sociedade, porém muitas vezes tornam obscuros determinados pontos importantes na construção histórico cultural de uma localidade. Na busca pela história local, uma comunidade ou cidade dá sentidos a sua existência, e deixa registrada sua própria percepção, de suas raízes que muitas vezes o oficial esconde.

“Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças porque passam suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude mudança tecnológicas.” (THOMPSON, 1935, p. 21).

Através da criação individual e coletiva do imaginário popular, pode-se também levantar várias hipóteses de exploração, que nem sempre nos conduzem as camadas mais profundas das verdades sobre um fenômeno, mas nos permite levantar questionamentos exploratórios que possam indicar caminhos que direcionam a uma provocação do objeto de estudo para que assim possamos testar sua resistência mediante aos fatos oficiais.

Das “verdades” do “imaginário” podemos obter muitas confirmações, parecem ser as mais comuns ou de uma “intuição” forte, nessa hora faz-se uma observação sistemática da narração para tentar comprovar aquilo que se apresenta previamente, não como verdadeira, pois é na linguagem de comunicação que o poder está concentrado, ou seja nas mãos dos emissores, que designam, revelam, compartilham ou simplesmente calam a história oficial.

3.METODOLOGIA

Para a coleta das narrativas orais, foi utilizado o método de entrevista de Thompson (1992, p. 254) segundo o qual “a melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo colhendo ideias e informações” para os próximos passos da pesquisa. Neste sentido, foi realizada pesquisa bibliográfica, visitas à emissoras de rádio e televisão à procura de registros audiovisuais sobre a história da cidade também foram pesquisados registros escritos em bibliotecas. Nas entrevistas, optamos por roteiro de perguntas semiestruturadas, onde que na medida em que a entrevista fluía podia ser flexível, deixando sempre o entrevistado livre de forma a se sentir a vontade para narrar os fatos. As vozes foram captadas em gravadores digitais e depois transcritas, buscando sempre não trair as expressões do narrador.

O lócus inicial da pesquisa exploratória foi a Associação dos Trabalhadores da Extinta Estrada de Ferro Tocantins, por ter registro de trabalhadores e antigos moradores de Tucuruí. Na associação, a presidente indicou o nome de oito pessoas, na faixa etária de 50 a 80 anos de idade, todos homens, dos quais três aceitaram gravar relatos. Outros quatro homens, com faixa etária aproximada, foram indicados por estes. Percebeu-se a necessidade de conversar com outras pessoas e buscou-se a Colônia de Pescadores, por também ter registros de inúmeros associados, antigos moradores onde três nos apresentaram relatos peculiares da cidade, homens e mulheres que sabiam uma história que poucos conheciam.

4. RESULTADOS

Já nas primeiras entrevistas uma das pessoas pesquisadas, foi o senhor Osvaldo Araújo, apresentador de TV, e pesquisador da história da Cidade de Tucuruí desde 1993, que contribuí ao contar que em Tucuruí existia um mocambo, “(...)cara como pode ter um mocambo aqui em Tucuruí? Haja vista que no estado do Pará existiam apenas 10, e o mais forte estava aqui, comandado então por uma princesa Maria Felipa”

Também surge, quase no fim da entrevista a lenda do nego do rio, que assustava os tripulantes das embarcações que navegavam as corredeiras do rio Tocantins, essas informações não estão escritas na história oficial, ou pouco se retratam das características reais da história completa, são colocados apenas como pontos, bem como as narrativas o negão da Cohab, o negão da garrafa, experiências com o mapinguari, o Fogo do mar, entre outras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas orais são máquinas que “turbinam” o real tornando-o fantástico e mais desejável ou terrível. Das muitas impressões ao longo da pesquisa verificou-se a real importância de um levantamento bibliográfico e áudio visual de narrativas orais populares do município de Tucuruí; desde as suas diversas expressões linguísticas passando pelas curiosidades e tradições da região.

Considerando a dimensão simbólica e real da presença humana nas narrativas orais, faz-se o esforço de promover a cultura popular até de certo modo transformar as relações de poder que impedem que os discursos das minorias se expressem e ganhem visibilidade e maior aceitação pública.

Verificamos que a história do município de Tucuruí mescla-se com as de muitas cidades do Brasil, sua influência direta na política e na economia do estado acabou lhe rendendo muitas histórias, que de certa forma introduziu uma maneira diferente de observarem a Amazônia. “Quem poderia imaginar uma estrada” de ferro no meio da selva e dos índios; onde um trole assombrado se mexia sozinho sobre os trilhos fazendo ouvir um barulho amedrontador; ou que um homem negro acusado de muitos crimes determinava praticamente toque de recolher na cidade na década de 80, pois sua fama era de matador de estilo grosseiro e sagaz;

Dessa forma vemos que quando tais narrativas são introduzidas no ambiente escolar a possibilidade dos alunos se encontrarem com sua herança cultural é maior, já que há um despertar referente a sua própria história e um resgate significativo através da oralidade, de sua tradição e construção social.

Concluímos que e por meio das narrativas que se ressuscitam linguagens, constroem-se personagens emblemáticos, que contrastam em cenários ilusórios e reais; fomenta-se a memória popular como algo importante não somente lembranças inutilizadas; quando atuando no pedagógico a rememoração de tais narrativas ajudam a romper um estigma cultural que crianças e adultos tem feito ultimamente, esses só tem dado oportunidades a literaturas onde o ponto alto de

seus interesses não tem sido a descoberta de uma leitura que estimule a produção textual e possibilite uma interação com sua herança cultural, assim vemos que pesquisar resgatar e difundir a tradição oral das memórias da cidade de Tucuruí implica-nos em uma inserção direta de muitos fundamentos históricos ignorados pela história oficial, vale ressaltar também a valorização do patrimônio cultural da região e o reconhecimento da importante história da Cidade para a construção folclórica do estado do Pará e do Brasil.

Concluimos ainda que ao transformarmos as narrativas orais em recurso de leitura para que a mesma se tornem prazerosas, e ao adotarmos as técnicas de contação de histórias temos pedagogicamente sucesso pleno, pois contar histórias é descrever um mundo mágico, onde tudo é possível e acontece; de diferentes formas pois, saímos do mesmo para um novo, deixando a criança ainda mais mergulhada nesse mundo lúdico e mágico da história narrada.

Quando contamos histórias a uma criança devemos observar as relações imaginárias que essa tem com os personagens, na verdade com toda a trama, ou melhor, com a narrativa, já que relações interpessoais estão sendo criadas possibilitando uma identificação pessoal dentro de sua realidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARILHA, Marly. Literatura e Oralidade: Escrita e escuta. In: DAUSTER, Tania e FERREIRA, Lucelena (orgs). **Por que ler? Perspectivas culturais do ensino da leitura**. Rio de Janeiro, Lampirina, 2010.

CASTRO, M.C.L. **Oficinas de recepção e produção de textos: uma proposta de transição da leitura à produção escrita**. In: Simões, Maria do Socorro (org). **Mémoria e Comunidade: entre o rio e a floresta**, Belém, UFPA, 2000.

CHARTIER, R. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

MATOS, M. A. F. e SANTOS, N.R.P. **Do prazer ao saber: memórias de leitura na comunidade acadêmica da UESB/Campus de Jequié**. In: SILVA, V.M.T. e Turchi, M.Z.S. **Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão**. São Paulo: ANEP, 2006.

THOMPSON, P. **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, P. **A Letra e voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

